



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Entrevista com Entrevista com Camila Matos – Dia da Mulher e a busca pela equidade

Ao refletir sobre a presença feminina na história, o [Papa Leão XIV afirmou que](#) Deus não encontrou apenas uma, mas muitas mulheres fortes e corajosas. São mulheres que, de acordo com as palavras do Santo Padre, “não hesitaram em enfrentar desafios, assumir riscos e dizer ‘sim’ ao chamado para servir, cuidar e transformar realidades, mesmo em tempos difíceis”.

Neste Dia Internacional da Mulher, celebrado em 8 de março, reconhecer a força feminina também exige avançar em justiça concreta. Como explica a professora **Camila Matos**, a busca não é apenas por **igualdade**, mas por **equidade**, ou seja, por condições reais para que todas as mulheres tenham acesso a oportunidades, direitos e espaços de decisão.

Na entrevista ao **Programa Viva a Vida** desta semana, a coordenadora-executiva da Rede de Mulheres Negras do Paraná fala sobre educação, racismo estrutural, mercado de trabalho, sobrecarga e representatividade. Leia e ouça o conteúdo completo e aprofunde essa reflexão conosco.

ENTREVISTA COM: Camila Matos, professora de Sociologia e coordenadora-executiva da Rede de Mulheres Negras do Paraná.

Camila, seja bem-vinda!

CAMILA:

É um prazer enorme estar aqui, participando desse espaço de diálogo e trazendo uma contribuição enquanto mulher negra, mulher do movimento e pessoa de ascendência quilombola.

Qual é a diferença entre igualdade e equidade quando falamos sobre as mulheres na sociedade? Por que a luta é pela equidade?

CAMILA:

A principal diferença entre igualdade e equidade é que a igualdade parte do pressuposto de que todo mundo precisa ser tratado da mesma forma, como se todas as pessoas tivessem as mesmas condições de vida e de acesso. Mas a realidade mostra que as mulheres, especialmente em sociedades marcadas por desigualdades históricas, como é o caso do Brasil, não partem do mesmo ponto.

A equidade fala de reconhecer essas diferenças e garantir que cada pessoa possa alcançar, de forma real, as oportunidades. Então, essa luta não é simplesmente para igualar, mas é uma luta permanente para corrigir desigualdades produzidas ao longo dos séculos.

Que papel a educação tem na construção de uma cultura mais justa para meninas e mulheres?

CAMILA:

A educação é um projeto e um espaço privilegiado, porque molda visões de mundo, constrói valores e define possibilidades. Ela incorpora discussões importantíssimas de gênero, raça e respeito à diversidade. Contribui para formar meninas mais confiantes e também meninos mais conscientes sobre sua responsabilidade na convivência e no respeito.



Como o racismo estrutural impacta a vida e as oportunidades das mulheres negras no Brasil?

CAMILA:

O racismo estrutural opera ao longo dos séculos de forma silenciosa, naturalizada e contínua. Ele organiza instituições, práticas sociais e expectativas, criando barreiras mesmo onde não há intenção explícita. Para nós, mulheres negras, isso significa enfrentar a discriminação de gênero somada à racial e à de classe.

Com a incidência do racismo estrutural, recebemos salários menores, temos menos oportunidades e ficamos mais expostas à violência. Segundo dados governamentais, mulheres negras têm o dobro de risco de sofrer violência, inclusive violência letal. Há também menor cuidado com a nossa saúde e maior dificuldade de ascensão social. Essas desigualdades não são fruto de escolhas individuais, mas de um sistema que distribui vantagens e desvantagens de forma desigual.

No mercado de trabalho, que tipo de preconceito a mulher enfrenta, hoje em dia?

CAMILA:

Enfrentamos questionamentos sobre nossa competência e capacidade de execução do trabalho, além da ideia de que somos menos adequadas para a liderança. Existe desigualdade salarial: muitas vezes exercendo a mesma função, recebemos menos.

Há também violência relacionada aos nossos corpos, como quando a gestação é vista quase como uma punição. Somam-se a isso o assédio moral e sexual. Muitas vezes precisamos provar continuamente nossa capacidade para sermos levadas a sério como profissionais.

Como o reconhecimento e a valorização do trabalho doméstico da mulher contribuem para a igualdade de gênero?

CAMILA:

O trabalho doméstico sustentou, ao longo dos séculos, a base da sociedade. Há quem limpa, cuida, organiza e prepara, permitindo que outras pessoas possam estudar, trabalhar e produzir. No entanto, esse trabalho, naturalizado como obrigação feminina, nunca recebeu o devido valor.

Quando a sociedade reconhece esse valor, é possível avançar na divisão de tarefas e no diálogo sobre a justa distribuição do trabalho doméstico. Isso cria possibilidades de construção de políticas para reduzir desigualdades entre homens e mulheres. Grande parte do trabalho doméstico tem relação histórica

com o processo de escravização de mulheres e homens negros, por isso também envolve a dimensão racial, sendo um trabalho que recaiprincipalmente sobre mulheres negras.

Quais são os impactos da dupla ou tripla jornada na saúde mental das mulheres?

CAMILA:

Quando somamos o trabalho fora de casa com as tarefas domésticas e, muitas vezes, com a responsabilidade ampliada do cuidado familiar, cria-se uma sobrecarga enorme. A dupla e a tripla jornada produzem esgotamento emocional, aumento de ansiedade e depressão, além da sensação de não dar conta de tudo e da falta de tempo para o autocuidado.

Essa carga constante gera adoecimento físico e mental, muitas vezes silencioso. A sociedade ainda espera que as mulheres suportem tudo, e isso tem um custo muito alto.

Qual é a importância das mulheres, especialmente as mulheres negras, na ocupação de cargos em espaços de decisão?

CAMILA:

Quando há maior participação feminina e, sobretudo, negra, nesses espaços, mudam-se prioridades e ampliam-se possibilidades de construção. As decisões se tornam mais representativas da sociedade real.

Segundo dados do IBGE aos quais tive acesso, as mulheres negras formam o maior grupo populacional no Brasil. É fundamental que sejamos centrais na construção da política e sujeitas ativas nesse processo, levando nossa vivência e trajetória para a formulação de políticas públicas, práticas institucionais e debates.

De que forma a representatividade feminina, especialmente de mulheres negras, inspira mudanças nas próximas gerações?

CAMILA:

Quando estamos nesses espaços de construção política e social, meninas e jovens nos veem como possibilidade real na ciência, na cultura, na política, na educação e na comunicação. Isso amplia o imaginário coletivo de possibilidades.

A representatividade ajuda a transformar esses espaços e cria novos referenciais, para que as novas gerações se sintam acolhidas e pertencentes.

De que forma a sociedade pode reconhecer e valorizar as vozes das mulheres negras nos espaços de poder e decisão?

CAMILA:

Valorizar as vozes significa garantir presença nos espaços de poder e criar ambientes onde nossas falas e trajetórias não sejam silenciadas. É apoiar a formação dessas mulheres, garantir acesso e permanência na academia, na pós-graduação, no mestrado e no doutorado, além de assegurar influência nos processos decisórios.

Também é reconhecer que produzimos conhecimento e soluções fundamentais para enfrentar a desigualdade social no país.

Camila, o que é a Rede Mulheres Negras do Paraná e qual é a sua missão?

CAMILA:

A Rede de Mulheres Negras do Paraná é uma organização não governamental, apartidária, que está próxima de completar 20 anos de existência. Atua na luta pela ampliação e pela implementação de políticas públicas que considerem raça, gênero e classe em sua construção.



(MENSAGEM) Maria Inês Monteiro de Freitas, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança.

Maria Inês, qual é a sua mensagem para o Dia da Mulher?

MARIA INÊS:

O Dia da Mulher nos faz recordar as muitas lutas enfrentadas pelas mulheres. É um dia para reconhecer a força, a história e a contribuição de todas as mulheres em todos os tempos. Parabenizo especialmente as líderes da Pastoral da Criança, que fazem a diferença onde atuam, com sua presença, voz e perseverança na missão junto

às famílias e comunidades.

A data também nos chama a refletir sobre o que ainda precisa mudar: a desigualdade, a violência, o preconceito e a sobrecarga da jornada tripla. Que esse dia inspire união, diálogo e compromisso na construção de um mundo mais justo, acolhedor e fraterno para todas as mulheres. Feliz Dia da Mulher!

(TESTEMUNHO) Darci Aparecida Báu, líder e coordenadora da Pastoral da Criança de Jundiaí, São Paulo.

Darci, como os líderes da Pastoral da Criança refletem sobre o papel das mulheres na sociedade atual?

DARCI:

A Pastoral da Criança, ela conta com milhares e milhares de mulheres que são voluntárias. A mulher é a força de transformação.

(MENSAGEM) Dom Frei Severino Clasen, Presidente da Pastoral da Criança.

DOM FREI SEVERINO:

Este Dia da Mulher nos convida a agradecer e apoiar a luta de tantas mulheres por respeito e dignidade. Que Deus abençoe todas as mulheres com sabedoria, saúde e força para continuar caminhando em meio a tantas dificuldades. Que este dia traga paz, reconhecimento e a certeza de poder vencer cada obstáculo. Feliz Dia da Mulher!



Esta entrevista é parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança.
Programa de Rádio 1797 - 02/03/2026 - Dia da mulher e a busca pela equidade